

O ESPECTRO

Admonet in somnis et turbida terret imago.
Horrido Espectro me atormenta em sonhos.

Lisboa, 6 de abril

Celebraram-se hontem os annos da rainha, e foi um dia de lucto. O regosijo que houve foi o regosijo official, esse que se ordena por portaria, e que se mostra para com todos os tyrannos. Embandeiram-se as embarcações porque assim o ordenou o ministro da marinha, salvaram as fortalezas porque assim o mandou a secretaria da guerra, foram alguns empregados ao paço porque lh'o ordenaram os superiores, foram alguns officiaes dos batalhões ao theatro porque lhe deram gratuitamente os bilhetes, e lhe detalharam aquelle serviço com as formulas do regulamento militar.

Mas fóra do funcionalismo obrigado não houve senão demonstrações de desprazer. A iluminação não passou das casas dos ministros, e talvez nem de todos elles. Era uma noite melancolica, era uma vergonha! Bruxuleava de legua a legua uma luzinha moribunda, parecia alampada n'um templo de finados, para recordar a memoria de tantos martyres sacrificados á ambição de uma côrte estulta. Eram os *rari nantes in gurgite vasto* que attestavam o naufragio d'essa realza imprudente que tirou o leme do estado das mãos de pilotos fieis e experimentados para o entregar á traição e ao prejuizo de homens sem alma e sem fé.

A noite estava serena, as ruas desertas, e os theatros vazios. Toda a animação, toda a vida não passava do triste e esmorido pregão do aguadeiro. Tudo era funebre n'este anniversario que podera ser tão alegre, que o devia ser, e que certo o fóra se a rainha dos portuguezes não preferisse um valido á nação, uma camarilha a um povo inteiro, uma sucia de homens venaes e corrompidos a tantos caracteres honestos, a tantos cidadãos virtuosos, que haviam sacrificado quanto tinham para a elevarem e conservarem no throno; se não tivesse trocado um sceptro de amor por outro de ferro; se não tivesse convertido um reinado de

paz n'uma guerra civil, se não tivesse mandado fuzilar os seus subditos mais fieis, deportar para a costa d'Africa os prisioneiros de guerra sem processo e sem sentença; se não fechasse o seu coração a toda a clemencia e não o abrisse a todos os sentimentos sanguinarios; se não acoutasse no alcaçar dos reis os inimigos do povo para cahirem traiçoeiramente sobre os ministros populares desaperecidos, arrancando-lhes assim de assalto o poder; se se conservasse na esfera da sua inviolabilidade deixando desempurrar seus filhos e seu marido para a rua a fim de combaterem contra o povo que a acclamava; se não se proclamasse absoluta impedindo as eleições, suspendendo a carta, fazendo *programmata veaes* e devorando, como Medéa, os proprios filhos.

As nações tambem teem o seu veto, e a capital usou hontem do seu. Podem os devassos no meio dos seus pagodes decretar que haja regosijo como já decretaram que houvesse prosperidade publica, mandando-nos agradecer a Deus o ministerio, porque tinhamos bom sol e um ceu benigno; podem decretar, se quizerem, a existencia de Deus e a immortalidade da alma, que ha precedentes para todas essas ridicularias; mas o que não podem é associar um povo generoso ás suas devassidões, fazel-o cumplice nos seus crimes, e esquecer os seus excessos. A fome, a miseria que esse povo soffre, deve-a a esse idolo de sebo, que em vão pertendem festejar; deve-lhe os assassinatos de que tem sido victima, o sangue que tem derramado; deve-lhe o encarcimento de todos os generos; deve-lhe o enorme desconto das notas precedente da dissipação d'esse governo, por quem a rainha tem tanta predilecção, e ao qual sacrifica o proprio decoro, a segurança do seu throno, e, o que val mais que tudo isso, a prosperidade do povo.

O dia de hontem foi um dia de lucto—choraram-n'o os infelizes, choraram-n'o as viuvvas e as orfãs, choraram-n'o todos. Só o cantou a

empresa de S. Carlos, porque assim o mandou a policia! Assim é que os povos se vingam dos seus oppressores. A alegria dos tyrannos é mais amarga que a tristeza das suas victimas. Praza aos ceus que semelhante anniversario não volva jámais tão nefasto,

Tivemos noticias de Monte-Mór de 3 do corrente:

No dia 31 do passado o marquez de Mello fez junção com as forças, que vieram do Algarve em Pavia. O ex-barão da Foz tinha tomado todas as providencias para obstar a esta junção, mas foi inteiramente burlado nos seus planos. O marquez marchou de Pavia para Arraiolos, e d'alli para Monte-Mór. A sua força estava dividida em tres brigadas, commandando uma o Albino Pimenta, outra o Neutel, outra o Madureira. Uma bateria de artilheria commandava-a o tenente Quaresma. A brigada de cavallaria era commandada pelo Galamba. Com a divisão do Algarve ficou uma força respeitavel; e reunindo-se-lhe os 1:200 homens do tenente general visconde de Sá virá bater brevemente ás portas de Lisboa, depois de ter derrotado as hordas cabralistas que por ali vagueam, ou antes que se acham encerradas nos muros de Estremoz.

Os prisioneiros que o Galamba fez junto de Arronches foram 4 officiaes superiores, 10 inferiores, 2 cornetas, e 83 soldados. Os objectos apprehendidos foram 12 cavallos, 10 armamentos de cavallaria, 55 de infanteria com bayoneta, 25 sem ella, 49 correames completos de caçadores, e 16 incompletos.

Quinta feira santa chegaram a Setubal, vindos de Alcaccer, cinco homens a cavallo, deram vivas á junta do Porto e á liberdade, e dirigiram-se á guarda principal. O sargento com me:ia duzia da guarda quiz prendel-os, mas levou um tiro de clavina, do qual perdeu um olho. Os cinco cavalleiros depois de precorrerem a villa foram-se embora, levando só duas cornetas.

Os officiaes do batalhão não appareceram por cobardia, e esconderam-se. Como não confiam nos soldados recearam que estes se sublevassem; porque o sentimento da maioria é a favor da causa popular. O ajudante só parou em Lisboa, e desde que embarcou ainda perguntava—*se os cinco homens a cavallo vinham atraz d'elle*, porque o fanfarrão não se atrevia a olhar para traz.

Domingo de Pascoa a força que sahiu de Lisboa estava em Azeitão, aonde dormira na noite antecedente. A chamada faltaram 150 homens que haviam desertado. Já em Loures haviam fugido 40 e tantos. A municipal ia roubando tudo; a outra força portou-se melhor.

Se isto dura assim mais algum tempo, os cabralistas ficam sem exercito, ainda que não entrem em combate.

Vimos uma carta do Porto de 31 do passado na qual se lê o seguinte:

«Pouco tenho a acrescentar hoje. Saldanha que do sitio, em que está, podia ver o fumo dos vapores, mandou logo marchar para a retaguarda o regimento de infanteria n.º 10—O Antas por cautella mandou recolher hontem a esta cidade quatro regimentos de linha, que estavam nas visinhanças, a fim de poder marchar sobre as tropas do Saldanha, caso este se determine a retirar-se das posições que occupa.»

Chegou ahi ha dias um vapor inglez fretado por conta do governo de Lisboa. Este serviço custa 50 libras esterlinas por dia, isto é, 225\$000 réis em bons cruzados novos, ou 6:750\$000 réis por mez, que vem a importar n'um anno na enorme somma de oitenta e um contos de réis.

O vapor foi fretado para navegar com bandeira ingleza. Chegando a Lisboa o governo quiz metter-lhe artilheria, e o commandante não consentiu, declarando que não viera para fazer a guerra, nem a podia fazer como inglez, que seria isso intervir n'uma contenda domestica: o governo quiz então embandeirar o barco á portugueza para lhe poder metter artilheria, mas o commandante oppoz-se dizendo que n'esse caso corria o vapor os riscos da guerra, e que o ajuste não fôra feito n'esse sentido—que se tratára só do transporte.

Reduzindo o governo a tão estreitos limites queria aceitar o serviço dos transportes debaixo da bandeira ingleza, quando apparece sir W. Parker, e diz—«o vapor inglez não pôde andar ao serviço do gabinete portuguez, por que seria isso uma especie de interferencia. A bandeira ingleza não pôde cubrir cargas destinadas para sustentar a guerra.»

Ahi está pois inutilisado um vapor que tanto dinheiro tem custado. Diz-se que volta para a Inglaterra, mas está vencendo as 50 libras diarias até a rescisão do contracto. Para comprar o barco faltam meios; para o nacionalisar era precisa a compra, e assim foi tudo dinheiro perdido sem proveito.

Tambem o governo comprou o *Royal Tar* á companhia ingleza. Era um vapor que já não servia por estragado, e pelo qual os ministros das Necessidades prometteram um dinheirão dando já tres mil libras, e promettendo pagar o resto. Não esperamos que o paguem.

Esta pobre gente é desprezada e escarneida por todos.

O sr. João d'Oliveira pediu a sua demissão

indispensavel que se adoptem providencias promptissimas, verdadeiramente efficazes para que o povo não pereça á fome, porém tenha o pão de que precisa; e para que os sugadores do sangue da infeliz nação, os agiotas, não continuem com o abominavel jogo que tem feito, e estão fazendo com as notas do banco.

«É indispensavel que a guerra termine quanto antes com honra para o throno, com segurança para a liberdade legal, e com vantagem da ordem e da prosperidade publica!

«Eia, amigos da rainha e da carta; eis-ahi os topicos da vossa supplica; rodeai o throno da soberana; invocai-a, e não cesse o vosso clamor em quanto a soberana vos não tiver attendido; e ella vos attenderá—e seremos salvos!

«Sim, amigos da rainha e da carta, temos a força e os meios necessarios para conseguirmos o que pretendemos, se soubermos usar da nossa força e empregar os nossos meios; saibamos, ousemos, e o resultado será o que desejamos; porém nada precipiteis: ouvi a voz dos vossos amigos, escutai-os, sede firmes—e o triumpho é nosso!»

Ahi fica o retrato do governo feito por mão de mestre, e definida a situação.

O desgosto é geral (dillo o boletim) e é. A causa de 6 de outubro está perdida, e a sua politica reaccionaria, despotica e mesquinha está julgada.

Nunca pôdia triunfar uma causa destas.

Na capital é grande a falta de pão, e nas vizinhanças ainda é maior. Em Azeitão custava ante-hontem 100 rs. um pão de arratel.

O *Diario* informa-nos que tivera hontem logar na secretaria do reino uma reunião para providenciar sobre este flagello. Nós que somos interessados n'isso como todo o povo pedimos uma cousa, e é que o governo não se metta em cousa nenhuma. Ainda esses miseraveis não se reuniram para providenciar sobre qualquer ramo do serviço, que não o peiorassem. Cada artigo do *Diario*, cada reunião dos ministros e do banco por causa do agio das notas em lugar de ter sido cataplasma é um caustico. Assim vai ser agora. — Temos artigo do *Diario*, temos a miseria a crescer. Não vão metter as mãos sujas da agiotagem no alimento do povo, contentem-se com as notas, com o dinheiro, mas deixem livre esse pão negro e mirrado amassado com a agoa das tribulações.

O pão está caro, porque as tropas do governo estragam tudo, porque matam e fuzilam os lavradores, porque lhes roubam os seus gados, as sementes, os filhos. O *Espectro* bradou em tempo: *Não mates o teu escravo, que depois morres de fome.* Agora ahi está o resultado do *programma-real*.

A fome sahe do paço das Necessidades, sahe das secretarias d'estado, sahe dos commandos

em chefe, das brigadas, das immensas promoções, do recrutamento, e da pessima administração.

A guarda municipal que foi para a outra banda, em Coima comeu, bebeu, entornou vinho pelo chão, quebrou as medidas, e não pagou nada. Em Azeitão fez o mesmo, roubou aos patrões os reloxos, lençoes, etc. Por onde passa arraza pomares, arranca arvores, em fim destroe tudo.

Eis-aqui a causa da fome. O que se pratica agora nas vizinhanças da cidade faz-se ha seis mezes em todo o reino por onde passam as hordas ministeriaes. E este mal ha de durar em quanto os cabralistas estiverem no poder.

O *Diario* escreve cousas muito lindas. No dia 4 do corrente disse elle:

«As noticias do norte do reino são inteiramente satisfactorias. O celebre padre Casimiro bateu os miguelistas mestiços de Braga junto a Xerez, e diz, segundo d'alli se refere, que — ou Miguel absoluto ou rainha; porque não entende Miguel republicanisado nem junta do Porto. O famoso tenente amnistiado d'Evora-Monte, Villas Boas, communga os mesmos sentimentos do padre Casemiro, em quanto a rejear a liga com a junta do Porto.»

Ora aqui temos nós o *Diario* a congratular-se com miguelistas que querem só D. Miguel absoluto ou rainha. Estes é que são uns homensarrões, e pelo menos coherentes, porque entre D. Miguel e D. Maria venha o Diabo e escolha; o que faz alguma differença é a junta do Porto. Foi aquella uma noticia muito satisfactoria para o nosso publicista, que pertence áquella raça de que dizia o nosso bom Diniz que costumava o seu superior:

Indo á propria commua acompanha lo,
E levantar-lhe a fralda do trazeiro,
Lavar-lhe o nedio.... e até beijar-lho,
Pois é conego em fim e tanto basta.

Depois d'isto o substituto do *bom Lara* publica hoje um auto d'acclamação de D. Miguel, feito pelos amigos que acabára de elogiar, e que declarára inimigos da junta do Porto, querendo fazer carga a esta d'aquillo que ha tres dias proclamára como um acto de heroismo praticado contra ella!

O governo lucrava muito em reputação se mandasse callar o prebendado por uma vez para não o comprometter mais. Convém duas cousas no escriptor publico—vergonha e juiso.

O ministerio hespanhol cahiu. Não temos podido commemorar a crise violenta porque tem passado os nossos vizinhos, nem ainda agora o podemos fazer como cumpria, mas diremos em resumo o essencial para avaliar a situação.

Estava alli á frente dos negocios uma facção que se chamava moderada e não era senão absolutista,

a qual tinha a rainha n'uma perfeita coacção. Esta pandilha assemelhava-se aos nossos saldanho-cabra-listas—tinha os mesmos principios, mostrava as mesmas tendencias, e empregava os mesmos meios para se sustentar no poder. A cabeça d'esta seita era a rainha-mãe, Maria Christina (la madre del pueblo) e o seu fim era destronarem Isabel II (a innocente) para collocar no throno o duque de Montpensier, filho mais novo de Luiz Philippe, casado com a herdeira presumptiva do throno d' Hespanha.

O ministerio quiz desfazer-se do progressista Serrano, em quem a rainha depositava a sua confiança, e a rainha não quiz assignar o decreto da sua proscricção; o ministerio pediu a sua demissão; a rainha queria dar-lh'a, mas não havia ministro que quizesse lavar o decreto da exoneração dos seus collegas. Era um ardil indecente que não podia finalizar senão n'uma catastrophe se os seus auctores persistissem n'elle. O ministerio ainda recorreu a outro expediente: — foi sollicitar das côrtes um voto de confiança para oppor á prerogativa da corôa, e esse voto foi-lhe concedido! Ainda mais: o senado applaudiu a proscricção d'um seu membro com o fundamento de que sendo os senadores nomeados pela corôa, ficam sujeitos sempre á veleidade ministerial que os pode assim separar quando quizer das funcções legislativas!

A Europa presenciou estas scenas de vergonha, ouviu estes principios absurdos; e stygmatisou-os como convinha.

Foi esse ministerio que acaba de morrer. Pesada lhe seja a terra; maldita a sua memoria.

O novo ministerio é puritano, e o sr. Pacheco é o presidente do conselho.

Por noticia de Cadiz sabe-se que apresentara nas cortes o seu programma, e que a respeito das relações exteriores dissera «que se ventilava em Portugal uma questão grave que talvez se tornasse questão europêa, mas que o governo de S. M. C. havia de guardar a maior neutralidade no caso de não correr risco o throno de D. Maria, e que como consequencia d'essa neutralidade o ministerio mandava destituir immediatamente todas as auctoridades da fronteira, que tinham dado ajuda, favor ou auxilio ás tropas do governo de Lisboa, deixando-as passar armadas pelo territorio hespanhol.»

Por este modo acabou a guarida para os latro-faciosos do Casal e de Valença, que terão de se render ás espadas populares, ou ir esconder á Hespanha a sua vergonha.

Á ÚLTIMA HORA

A gente da governança tem andado em passo de cão desde ante-hontem. Dizem por ahi que o marquez de Mello está nos Pegões, quatro legoas d'Aldeia Gallega, o barão de Tavira está ao sul com outra divisão, e que a estas horas se lhe terá reunido a brilhante divisão do visconde de Sá.

Mas nós temos correspondencia de Montemor de 6, pela qual sabemos que n'aquelle dia ainda alli se achava o marquez de Mello, estando já em correspondencia com o Sá da Bandeira.

O brigue *Vouga* foi fundear junto do Montijo: 3 canhoneiras foram com elle para o mesmo sitio.

Os voluntarios cabralistas ficaram hontem nos quartéis; o marquez de Fronteira teve medo de dormir

em casa, e foi ficar no Carmo agarrado a D. Carlos.

A força que d'aqui sahiu estava ante-hontem em Setubal. Á chamada faltavam mais de 200! Desertaram pelo caminho, e venderam as armas a 960 e 480; os que não achavam compradores, atiravam-nas para o meio dos pinhaes. N'aquelle dia era tal o medo que não deixavam entrar ninguem em Setubal, nem as mulheres que iam comprar laranja. Os povos estão desesperados.

Diz-se agora que aquella força já retirara sobre Palmella, e que não tardará em Almada.

Estão a chegar ahi algarvios, como diz o *Diario*, mas são desertados de Santarem d'um batalhão dito do Algarve, mas cuja maior parte é garotada de Lisboa amarrada a cordel por essas ruas.

O commandante do vapor inglez *Phœnix* viu desembarcar o visconde de Sá em Lagos; parece que jantara com elle, e diz que traz uma divisão mui brilhante em disciplina e accio, sendo o batalhão dos *serezinos* commandado pelo Monte Alverne, o que o encantou mais.

As notas esta tarde ficaram de 2\$400 a 2\$600 reis!

Deus tenha compaixão de nós, e toque o coração d'estes Pharaós, que se perdem, e nos perdem.

ÁS 10 DA NOITE.

Pelo vapor *Polyphemus* recebemos a nossa correspondencia do Porto a hora muito adiantada. Eis-aqui o que nos diz o nosso correspondente:

«Porto 7 d'abril ás duas da tarde. — O marechal conde das Antas está melhor; conta-se que dentro de poucos dias esteja completamente restabelecido, e é de erer que então principiem as operações em grande. As nossas forças occupam por ora as mesmas posições; as do inimigo conservam-se estacionarias. João Carlos de Saldanha occupa-se actualmente d'um jantar; dizem que o Vinhaes vai tomar o commando das forças do Alemtejo, sendo exonerado o Setubal. O castello de Vianna ainda se conserva em poder dos rebeldes. Ha dias para cá que tem soffrido um fogo horrivel das nossas baterias. O combate de Lanhellas desorientou os cabralistas de Valença; quasi todos apenas souberam a noticia ficaram esmorecidos; o Antonio Pereira dos Reis fugiu para Tuy.

Almeida está occupada por forças populares nossas, e conta-se que as duas Beiras levantam o estandarte da insurreição qualquer dia.

Chegou a esta cidade um navio com armas, espadas, pistolas, correames, polvora e outros objectos; e apesar de estar á vista o bloqeuio entrou sem ser incommodado. O official de marinha Salter chegou igualmente vindo d'Inglaterra.

Ainda não temos noticias da nossa expedição. Apenas pelos officiaes de marinha ingleza consta que Peniche fora occupada por força nossa. Talvez ahi já tenham conhecimento da mudança ministerial em Hespanha. O novo ministerio foi formado do seguinte modo: — *Pacheco*, presidente. — *Benevides*, graça e justiça. — *Pastor Dias*, commercio. — *Mazarredo*, guerra. — *Sotelo*, marinha. — *Salamanca*, fazenda.

A deserção das fileiras inimigas continua. Todos os dias se apresentam soldados quer do Saldanha quer do Casal, e até do castello de Vianna teem vindo alguns. Hontem saiu um cahique com armas para as provincias do sul.»